

A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL PARA LÍNGUA DE SINAIS: DIÁLOGOS ENTRE AS ILUSTRAÇÕES E O CORPO SINALIZANTE¹

Arlene Batista da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)

Resumo: Este trabalho relaciona-se à metodologia de tradução de textos literários para língua de sinais, tomando como foco o público infantil. Trata-se de uma pesquisa documental, cuja fonte principal são registros audiovisuais. Ancorados nos pressupostos da História Cultural, a partir do pensamento de Roger Chartier em articulação com teóricos filiados aos Estudos da Tradução como Arrojo (1992) entre outros, pretende-se descrever e interpretar a materialidade e os protocolos de leitura e as estratégias de tradução literária presentes no vídeo de literatura em Libras “O sanduíche de Maricota” produzido pelo Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação de Mato Grosso do Sul (CEADA/MS) e divulgado em sua página na internet. Os resultados da análise evidenciaram que o tradutor constrói o texto em sinais privilegiando o uso de recursos não-manuais (expressão corporal e facial) além de classificadores, antropomorfismo e incorporação de personagens de modo a estabelecer um diálogo com as ilustrações, facilitando o entendimento do contexto da narrativa para os pequenos leitores. Nesse contexto, é possível afirmar que a leitura das ilustrações é fundamental para a formulação de critérios tradutórios para a recriação do texto literário em Libras.

Palavras-chave: Tradução Literária. Ilustração. Libras.

1. A literatura em língua de sinais no passado e no presente

Historicamente, a literatura em língua de sinais tem sido uma das principais produções culturais da comunidade surda. Nela, é possível encontrar produções próprias de surdos, como poesias, anedotas e também traduções de obras da literatura infantil universal como os contos de fadas, as lendas e as fábulas. Embora não se possa precisar a origem ou quando surgiram as primeiras produções literárias em língua de sinais, sabe-se que, assim como a língua, a cultura surda se desenvolve a partir da interação entre sujeitos surdos.

Para Marta Morgado (2011), embora não se possa precisar, há indícios de que a literatura em língua de sinais tenha surgido nos internatos de escolas de surdos, na Europa. Do encontro entre surdos, e das conversas sinalizadas sempre às escondidas dos supervisores oralistas, nasceram as primeiras histórias por meio da mímica, das imitações de personagens do cinema, dos professores e dos próprios colegas. Essas histórias foram sendo estruturadas com recursos visuais (imagens carregadas de expressividade por meio das expressões faciais e corporais).

Morgado (2011, p.157) destaca que

¹ SILVA, A. B. A tradução de literatura infantil para língua de sinais: diálogos entre as ilustrações e o corpo sinalizante. In: **V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-11.

Os surdos que tinham algumas posses podiam ir ao cinema, viam filmes e transmitiam-nos aos colegas do internato. O antigo presidente da Associação Portuguesa de Surdos, João Alberto Ferreira, conta que, no seu tempo de escola, havia o hábito de descrever filmes de cowboys e de ação, pois eram um dos poucos que tinha possibilidade de ir ao cinema.

Ao descrever tais filmes, os surdos estavam se constituindo como contadores de histórias e tradutores culturais, reconstruindo sentidos por meio da expressão corporal, facial e da produção de imagens, ou seja, dos recursos estéticos das línguas de sinais. Essa prática, explica Morgado, ocorria em diversos países onde havia internatos de surdos, como na França, por exemplo:

[...] No documentário realizado por Nicolas Philibert, O país dos surdos (Le pays des sourds, 1992). Aqui se vê um professor surdo de Língua Gestual Francesa (Langue de Signes Française) a contar que, quando era pequeno, gastava o dinheiro que a mãe lhe dava para ir ao cinema. Depois, na escola, descrevia os filmes para os colegas do princípio ao fim. (MORGADO, 2011, p. 157).

Percebemos, portanto, que os internatos surdos se configuraram como espaço privilegiado para o processo de produção literária entre os surdos (por meio da contação de histórias e de anedotas), pois favorecia as trocas linguísticas, e a criação artística por meio de uma linguagem específica determinada da experiência visual, com objetivo de dar acesso aos surdos à cultura que circulava fora dos muros dos internatos. Além disso, essa literatura era também uma intervenção sociológica, ética e política, na medida em que essas histórias, sobretudo as piadas e poesias, guardam “[...] as raízes na experiência educativa que os surdos tiveram, nas barreiras por que passaram ao longo do crescimento, na forma de ver as coisas com uma percepção visual muito forte” (MORGADO 154, p.154).

Vale destacar ainda que as associações de surdos foram (e ainda são) espaços importantes para a divulgação da cultura e da língua de sinais. Segundo a autora, nesses espaços os surdos “[...] se sentem em ‘casa’. Ali, faziam-se concursos de teatro de contadores de histórias e de humor” (MORGADO, 2011, p. 157).

Se, no passado, os internatos e as associações favoreceram a produção, a circulação e a divulgação da Literatura em língua de sinais, hoje, no Brasil, as manifestações artísticas da comunidade surda têm se manifestado dentro e fora das escolas, em eventos culturais como saraus, teatro e também por meio de traduções literárias divulgadas na internet.

Entendemos que o decreto nº 5626/2005 que regulamenta a Lei de Libras 10.436/2002 e a Lei de Acessibilidade 5296/2004, foram dispositivos legais fundamentais para o reconhecimento e

o fortalecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), na contemporaneidade. Por meio deles, a língua utilizada pela comunidade surda e sua cultura, até então, proibida de circular oficialmente na sociedade, ganha visibilidade nas escolas, nas universidades e na mídia.

Tal feito pôde ser comprovado por meio de uma investigação empreendida por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin em 2008, que teve como resultados o registro de uma produção diversificada de artefatos pertencentes à cultura surda. No âmbito da literatura infantil, foi possível registrar: obras literárias impressas bilíngues em português e SignWriting, traduções de clássicos da literatura infantil para a Libras, poesias, piadas, etc..

Atualmente, no Brasil, é possível encontrar algumas obras literárias infantis em língua de sinais em material audiovisual. As editoras LSB e a Arara Azul são pioneiras na tradução de clássicos universais como contos de fadas e fábulas para a Libras. Também o Instituto Nacional dos Surdos (INES) em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) produziram a coleção “Educação de Surdos” no início dos 2000, distribuindo traduções literárias em Libras para diversas escolas do país.

A partir de Chartier (1990), entendemos que os materiais produzidos por essas instituições inauguraram novas práticas literárias que organizam, classificam e produzem a realidade do mundo a partir da experiência visual. Desse modo, a investigação desses objetos permite “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Uma literatura que não é lida no papel, mas na tela; um texto que se materializa no corpo do sinalizador; uma literatura dramática em que os gestos, os movimentos do corpo ganham amplitude num fazer e refazer de novos sentidos.

À luz dessas considerações, pretendemos analisar a materialidade e os protocolos de leitura e as estratégias de tradução literária presentes no vídeo de literatura em Libras “O sanduíche de Maricota” produzido pelo Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação de Mato Grosso do Sul (CEADA/MS) e divulgado em sua página na internet² e em seu canal no *Youtube*³.

² APM/CEADA é uma associação de pais e mestres vinculada ao CEADA-Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação e tem como objetivo divulgar a Língua Brasileira de Sinais, bem como oferecer informações gerais e avisar sobre eventos e acontecimentos referentes à Educação de Surdos de Campo Grande e do Brasil. Disponível em: <http://librasapmceada.blogspot.com.br/>

Tradução literária em gestos, formas e movimentos

Na condução desse estudo, apoiaremos-nos nos Estudos da Tradução numa perspectiva pós-estruturalista que rejeita a ideia de tradução como transporte estável de significados. Em oposição a essa visão essencialista de texto e de transferência de mensagens equivalentes de uma língua a outra, Arrojo (2003, p.78) afirma que

Qualquer tradução traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. Qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assuma como tal. Nenhuma tradução será, portanto, “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura.

Apoiados em Arrojo, entendemos, portanto, que o tradutor de um texto literário para Libras em vez de instrumento de transporte de sentidos estáveis, torna-se criador de um texto original na língua de chegada. Essa tradução é fruto do que o tradutor considera ser o texto original, a partir de sua leitura, que traz marcas da história do leitor, da forma como este percebe o mundo.

E nessa tarefa de transformação e de produção, o tradutor tem a tarefa de desvelar “o embate reconhecidamente dos mais árduos, no fogo cruzado do difícil (o limite do impossível) diálogo de duas línguas, duas culturas, dois tempos, dois espaços duas visões de mundo não redutíveis um ao outro” (BENEDITTI; SOBRAL, 2013 p.10).

Na tentativa de estabelecer uma conciliação entre esses dois mundos e criar um texto literário em língua de sinais, é preciso atentar para a produção de significados de modo que o novo texto seja gerado a partir de referentes na língua de chegada, isto é, guarde as especificidades da linguagem literária em língua de sinais, como a incorporação, o antropomorfismo, o uso de expressões não-manuais (faciais e corporais) e de classificadores.

De acordo com Andrade (2015, p.66-67), nas línguas de sinais, o corpo é utilizado para representar referentes. Assim, quando os sinalizantes contam uma história usam a incorporação que é o ato de usar o corpo para mostrar as características físicas de um personagem ou objeto, conferindo maior realismo e emoção à narrativa.

Outro recurso muito usado é o antropomorfismo, no qual o sinalizador atribui atitudes e sentimentos humanos a seres animados ou inanimados, com o objetivo de levar o leitor a perceber o comportamento animal (SUTTON-SPENCE E NAPOLI 2010). Ao usar esse

³ O sanduiche de Maricota em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3-HCbR03BZk>

recurso, o sinalizador pode mostrar o referente (descrever o personagem ou objeto) ou tornar-se o referente, agir como o referente ou usar as mãos como referente. As expressões não manuais (facial e corporal) também são importantes para demonstrar sentimentos e pensamentos dos personagens e/ou objetos. Por fim, a comunicação em língua de sinais entre as personagens é o traço mais evidente do uso de antropomorfismo na narrativa (ANDRADE, 2015).

Segundo Brito (1995), os classificadores são morfemas (configurações de mão) que se juntam aos verbos de ligação e de movimento para representar características das entidades às quais o nome que substituem se refere. Pimenta (2000 apud GESUELLI 2009, p.114-115) amplia essa noção, ao afirmar que os classificadores são auxiliares para determinar as especificidades de uma ideia. Assim, os classificadores se dividem em descritivo (de tamanho, de forma do corpo, de uma parte do corpo), locativo, semântico, instrumental (do corpo, de plural, de elementos e de letras e números).

Desse modo, num texto literário em língua de sinais, os classificadores contribuem para a visualização de um cenário, de um objeto, ou de um personagem. Por meio dos classificadores é possível, por exemplo, descrever os cabelos cacheados de uma personagem, os dentes pontiagudos do lobo; ou ainda o peso de uma caixa, a delicadeza de uma menina colocando uma luva em suas mãos, etc..

Com base nos estudos Andrade (2015), Sutton-Sence e Napoli (2010) e Pimenta (2000), entendemos que na tradução literária em língua de sinais o tradutor irá construir um novo texto com signos intersemióticos, permitindo emergir, inevitavelmente, novas significações, fruto de sua atividade mental, relacionada às suas experiências seu repertório linguístico e cultural. Nesse movimento, a tradução se dará a partir de um processo ativo de compreensão não apenas das palavras do livro impresso, mas também das ilustrações, da forma gráfica e de uma criação ficcional que traz marcas da subjetividade do tradutor (ALBRES, 2014).

Descrição e análise:

A pesquisa em questão teve como objetivo descrever e interpretar a materialidade, os protocolos de leitura e as estratégias de tradução de uma obra literária para a Libras. Trata-se de uma pesquisa documental analítico-descritiva, de abordagem qualitativa, cuja fonte são registros audiovisuais.

A obra selecionada “O sanduíche de Maricota” (2000) de autoria de Avelino Guedes, tem as ilustrações como fator de destaque: imagens coloridas em tamanho grande, ocupando quase toda a página, tornam-se uma referência para se compreender o enredo com facilidade.

A história começa com a galinha Maricota preparando um sanduíche a seu gosto: com pão, milho, quirera e ovo. Mas, quando vai comê-lo, chega o bode Serafim, que diz que no sanduíche falta capim. Depois chegam o gato, o cão, a abelha e assim cada animal quer dar seu palpite e contribuição ao sanduíche de Maricota. Até que chega a raposa e diz: “Falta galinha”. É o fim! Maricota fica muito brava e expulsa a todos, joga fora o motivo de tanta discussão e começa tudo de novo, dessa vez do jeito dela.

A obra foi sinalizada por Ana Cláudia Januário da Silva Leonel, professora surda, e teve o apoio da tradutora Vânia Alice Cavalcanti. Esclarecemos, desde já, que faremos menção à Ana Cláudia também como tradutora, na medida em que esta participou da reconstrução, criação de um novo “Sanduíche de Maricota”, agora, em Libras.

Considerando que o objeto de análise neste trabalho é composto por registros audiovisuais, foram adotados os seguintes procedimentos: visualização sistemática do vídeo; *decupagem*⁴ da tradução em língua de sinais (ato de recortar, dando forma impressa/ congelada à sinalização), permitindo, assim, a transcrição e criação de um conjunto de dados que pudesse ser colocados em diálogo com as ilustrações do livro utilizado como plano de fundo (ROSE, 2013).

A partir da observação do registro audiovisual, a análise da obra se deu em três categorias: a) a incorporação das personagens; b) a antropomorfização e c) o uso de classificadores.

a) A incorporação



Imagem 01



Imagem 02



Imagem 03



Imagem 04

⁴ A decupagem foi produzida com imagens retiradas do vídeo “O sanduíche de Maricota” em Libras, disponível no Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=3-HCbR03BZk>

Ao longo de toda a narrativa, é possível observar a predominância da incorporação associada ao antropomorfismo. Porém, no momento em que novos personagens surgem na trama, a sinalizadora lança mão da incorporação para destacar, sobretudo, aspectos comportamentais de cada um deles. Na imagem 01, a sinalizadora assume os traços de uma galinha (braços encolhidos, punhos dobrados, lembrando as asas da ave) caminhando de modo tranquilo (lábios projetados como um bico, olhos levantados em direção ao horizonte). Na imagem 02, o bode possui um olhar curioso e interessado no lanche alheio (esfrega as mãos, lambe os lábios, movimenta-se para a direita e para a esquerda, querendo ver o lanche que está sobre a mesa).

Na imagem 03, Ana Cláudia encolhe os ombros e abre um largo sorriso para incorporar um cachorro “educado, com jeito de bom moço” (GUEDES, 2000, p.14). Já, na imagem 04, para construir a imagem de um macaco “convencido, metido a bacana” (GUEDES, 2000, p. 18), a tradutora estufa o peito, anda jogando o corpo, olhar altivo, com desdém, ao ver o lanche sobre a mesa.

A tradutora dialoga com as imagens ao fundo, posicionando-se ao lado dos personagens que incorpora, mas, mais que isso, expõe, por meio das expressões faciais e corporais, traços da personalidade e das intenções de cada um deles que são apresentados no texto escrito. Desse modo, materializa no corpo o texto visual e o texto verbal.

b) O antropomorfismo



imagem 05



imagem 06

Conforme já mencionamos, o antropomorfismo é o recurso mais utilizado pela tradutora em toda a narrativa, atribuindo comportamentos humanos aos animais, por meio de cenas de ação ou diálogos. Na imagem 05, a tradutora incorpora Maricota preparando seu sanduíche. Com mãos humanas (em oposição à forma de asas, na imagem 01), a galinha pega os ingredientes

(pão, milho, quirera, ovo), descreve-os por meio de classificadores e vai montando seu lanche, que ganha forma, contornos visuais e uma localização espacial na cena.

Na imagem 06, a tradutora constrói uma cena em que o gato assume atitude humana ao conversar em Libras com Maricota. Posicionada à esquerda, a tradutora incorpora o felino que olha para direita (onde está posicionada a ilustração da galinha) e sinaliza: “Está faltando outro ingrediente nesse lanche, mas eu tenho aqui”, abre uma lata de sardinha e acrescenta o peixe ao sanduiche.



imagem 07

A imagem 07 retrata o momento em que Maricota constrói pensamentos a partir da fala da raposa e se dá conta de que está sendo cogitada para ser o último ingrediente, ou seja, para se tornar o lanche da raposa. A tradutora não somente incorpora o discurso direto, dando voz à galinha, mas também o discurso interior, ao fazer reflexões e inferências sobre as consequências da proposta que havia recebido.

c) Os classificadores



imagem 8



imagem 9



imagem 10

Já de saída, é importante ressaltar que os classificadores foram usados em abundância ao longo de toda tradução. Algumas cenas em que podemos evidenciá-los são: a preparação do lanche por Maricota (imagem 05), o acréscimo de novos ingredientes como o peixe e o mel (imagens 8-9) e os animais correndo (imagem 10). O uso diversificado e abundante de

classificadores evidencia o uso da linguagem corpórea (gestos, expressão facial e movimento) que traduz palavras em imagens, dialogando diretamente com as ilustrações ao fundo da tela.

As ilustrações do livro de Avelino Guedes inseridas, ao fundo, nessa tradução retratam três elementos centrais: a galinha, os animais e o lanche, em meio a um conflito de interesses que é mostrado de forma gradativa, com a chegada de cada novo personagem, até o ápice da narrativa, quando a galinha tem uma explosão de raiva, joga o lanche fora e expulsa todos os animais.

A tradutora, a nosso ver, se apropria das ilustrações como ponto de partida, mas não se limita a elas, acrescenta novos sentidos. Enquanto as imagens focalizam certas cenas do conflito, a tradutora amplia essa cena atribuindo atitudes humanas e sentimentos aos personagens (galinha: cordialidade, surpresa, indignação – animais: persuasão, manipulação, altivez); uso do discurso direto, favorecendo diálogos sem a presença de narrador; inserção de outros elementos que não aparecem na ilustração como a vasilha com capim, a lata de sardinha, entre outros. Portanto, Ana Cláudia contribui para a construção um texto híbrido em que a imagem sinalizada não repete, mas acrescenta, amplia os sentidos da imagem ilustrada, numa relação de complementaridade. Os sentidos da ilustração convergem para os sentidos do texto sinalizado e vice-versa.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo investigar a materialidade, os protocolos de leitura e as estratégias de tradução literária presentes no vídeo de literatura em Libras “O sanduiche de Maricota”.

Em relação à materialidade, foi possível constatar que a obra toma o surdo, sua língua, sua cultura, sua experiência visual como referência para essa criação literária. Isso fica evidenciado pelo forte apelo visual por meio das ilustrações ao fundo em diálogo com a tradutora em primeiro plano em enquadramento “close-up” no centro da tela. O corpo e as expressões faciais ganham destaque, mostrando que, na literatura em sinais, a compreensão dos sentidos se dá pela leitura do corpo que se transforma num texto plurissignificativo.

Os protocolos de leitura exigem um leitor proficiente em dialogar com diferentes materiais intersemióticos para a produção de sentidos. Enquanto as ilustrações, ao fundo, vão mapeando os pontos centrais da narrativa, o texto sinalizado, em segundo plano, dá os contornos reais à

ficção, traz à tona o comportamento humano, as ações, o envolvimento emocional dos personagens.

Para produzir esses efeitos, a tradutora lança mão de recursos estéticos da língua de sinais como a incorporação, o antropomorfismo e o uso dos classificadores. Percebe-se que a tradutora se apropria das ilustrações como uma referência, um roteiro da narrativa, mas não se limita a elas. As ilustrações são o ponto de partida para a construção de cenas em torno das quais se desenvolvem ações, diálogos, conflitos por meio da performance poética, do corpo que expressa sensações, sentimentos traduzidos em imagem.

É possível, portanto, afirmar que a tradutora atuou (como autora) num processo de criação literária, mediada por diferentes leituras: do texto escrito, visual, de sua memória sensorial, emocional, de um potencial leitor construído em sua mente, enfim, num processo ativo de produção de sentidos em que o tradutor também é autor.

Nesse contexto, somos levados a crer que “O Sanduiche de Maricota” em libras não é mera reprodução da obra “original”, de Avelino Guedes, embora seja visível a aproximação entre as duas produções e a tentativa da tradutora de seguir o enredo do texto de partida. Essa aproximação nos faz “acreditar dominar o jogo” (DERRIDA, p.7), ou seja, na ilusão da equivalência entre os dois textos. No entanto, a obra em Libras denuncia que a tradução já nasce atravessada por elementos linguísticos, ideológicos, políticos e estéticos de outra cultura, ou seja, de outra forma de representar o mundo a partir da experiência visual.

Entendemos, pois, que a ilustração é fundamental nesse processo tradutório, pois estimula a imaginação do tradutor para construir a história pelas “experiências do olhar”, “do ver” e para o trabalho com os signos intersemióticos. Ela antecipa, confirma sentidos do texto literário, muitas vezes, não explicitados pela linguagem verbal, atuando como porta de acesso dos sentidos do texto. Portanto, a ilustração não exerce papel secundário, nem meramente ilustrativo, mas sim orientadora da atividade de criação do tradutor de literatura em língua de sinais.

Referências

ALBRES, N. A. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n.4, p. 1151-1172, 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop6014.pdf> > Acesso em: 12 out. 2016.

ANDRADE, B. L. L. **A tradução de obras literárias em língua Brasileira de sinais – antropomorfismo em foco.** 121 p. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2015

ARROJO, R. **Oficina de Tradução.** São Paulo: Ática. Série Princípios, 2005.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações.** Tradução Maria Manoela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

GESUELI, Z. A narrativa em Língua de Sinais: um olhar sobre classificadores. In: (Org.) QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos Surdos IV.** Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2009. p. 112-122.

GUEDES, A. **O sanduiche de Maricota.** São Paulo: Moderna, 2000.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Cultura Surda na Contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. **Cultura Surda na Contemporaneidade:** negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011, p. 151-172.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som:** um manual prático. Editora: Vozes, Petrópolis, RJ, 2000.

SUTTON-SPENCE, Rachel; NAPOLI, Donna Jo. *Anthropomorphism in Sign Languages: A Look at Poetry and Storytelling with a Focus on British Sign Language.* **Sign Language Studies**, vol. 10, n. 4, Summer 2010, pp. 442-475. Gallaudet University Press DOI: 10.1353/sls.0.0055.